

Identidade Luterana *

Lindolfo Weingärtner

I – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1. "Identidade" é um termo de conotação jurídica e filosófico-psicológica ("carteira de identidade", "crise de identidade" etc.). Usando-o de forma ingênua e a-crítica, poderíamos sugerir que pretendêssemos definir o cristão luterano – ou a igreja luterana – como sendo grandezas "prontas", com a carteira de identidade assinada, por assim dizer. Assim, porém, tomaríamos uma posição contrária à intenção básica do próprio Reformador, que viu no cristão – não um ser formado, mas um ser em formação (*der Christ steht nicht im Gewordensein, sondern im Werden*) e que define a igreja como sendo criatura do evangelho, que continuamente vai sendo criada pela palavra de Deus. Só a Deus compete proclamar sua identidade, no sentido absoluto e irrestrito: "Eu sou o que sou – eu serei o que serei" (Êx. 3.12). Só Ele é o Fiel, que não pode negar-se a si mesmo (2. Tm. 2.13).

Assim entendemos que a identidade luterana, como a de qualquer outro cristão, deve ser derivada de sua identificação com Jesus Cristo, Filho de Deus, que é o mesmo ontem hoje e para sempre.

2. Martim Lutero não teve por alvo fundar uma igreja "luterana" separada. Assim não pode ser nosso propósito querer cimentar as formas e as peculiaridades da grandeza histórica "Igreja luterana" ou algo que o valha. Nossas perspectivas serão as da cristandade universal. Entendemos que Lutero, sua mensagem, sua teologia – se movem no terreno desta igreja universal. O que, a nosso entender, o Reformador quis, foi colocar balizas neste terreno amplo, fincar estacas em pontos fundamentais onde o povo de Deus vivia desorientado – estacas que permitissem uma orientação clara

* teses para uma conferência proferida no Concílio Distrital do Distrito Eclesiástico São Paulo, em 22 de maio de 1982.

no centro e no cabeça da igreja: em Jesus Cristo. A estaca "Lutero" para nós não representa um fim em si mesmo. Há outras balizas no campo da igreja universal, igualmente importantes. Ele apenas serve para ajudar-nos a orientarmo-nos na estaca que Deus mesmo implantou em Gólgota, e naquele que foi pendurado no madeiro, identificado com o pecador.

3. Feitas essas ressalvas, a igreja luterana necessitará definir sua identidade: sua teologia, sua prática eclesiástica, sua atuação missionária, seu relacionamento com outras igrejas e com o mundo. Deve pôr as cartas na mesa, expondo honestamente o acervo teológico e espiritual herdado dos pais da Reforma. Desdobrando este acervo, trará à luz teses e definições básicas, combativas, por vezes e contrárias aos ventos predominantes da época, mas sempre atuais em sua intenção básica, e sempre tendo em vista o todo da igreja, sua libertação do jugo dos homens, sua dependência absoluta de Jesus Cristo, o único Salvador. A igreja luterana procurará definir sua identidade no contexto eclesiástico e religioso brasileiro, fincando as estacas que apontam para Cristo, no terreno que vai ocupando e percorrendo. O acervo teológico que representa sua herança particular merece ser atualizado – não para dar aos luteranos alguma identidade que os distinga, a qualquer custo, dos católico-romanos – ou de pentecostais – mas para que nas muitas encruzilhadas existentes no mundo espiritual contemporâneo não deixem de ser erigidas balizas que ajudem descrentes e crentes a encontrarem, ou a reencontrarem, a encruzilhada decisiva, na qual Deus e o homem se encontram e se reconciliam.

II – BALIZAS

1. O homem

"Eu pobre e mísero homem confesso-te todos os meus pecados" – "que me remiu a mim, homem perdido e condenado" (Catecismo Menor, 2. art.). "Todos os homens nascem em pecado... que condena e traz a morte eterna" (CA 2). – Após a queda de Adão, o homem, revoltado contra o seu Criador, é incapaz de livrar-se do cipoal do pecado. Lutero, neste ponto, é radical e inexorável. Arranca os traços com os quais se enfeita o velho homem. É o mesmo radicalismo que encontramos em Paulo: "Todos pecaram" (Rm 3.23) – "Tudo que não provém da fé, é pecado" (Rm 14.23) e em Agostinho: O homem não é capaz de não pecar (*Non potest non peccare*). Lutero proclama com ênfase que o homem caído

não tem livre arbítrio que lhe possibilite optar por uma vida sem pecado. Seu livre arbítrio se restringe ao campo das coisas “de baixo”, que não mudam suas condições perante Deus. Nas questões espirituais, seu arbítrio é “servo”, é escravizado (“condicionado”) pelo pecado, tanto o original como o atual. – O interesse de Lutero não é desfazer do homem como criatura de Deus; é antes impedir “que se diminua a glória do mérito e dos benefícios de Cristo” – “para ignomínia da paixão e do mérito de Cristo” (CA 2), afirmando que há uma parcela do homem que não necessita de redenção.

2. O Filho de Deus

“Creio que Jesus Cristo, Deus verdadeiro ... e também homem verdadeiro ... é meu Senhor que me remiu ... resgatou e salvou-me de todos os pecados, da morte e do poder do diabo: não com ouro e prata, mas com seu santo e precioso sangue e com sua inocente paixão e morte”. (Catecismo Menor) “Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, verdadeiramente sofreu, foi crucificado, morreu e foi sepultado a fim de reconciliar-nos com o Pai e ser um sacrifício, não só pela culpa original, mas também por todos os pecados atuais do homem” (CA 3). – Jesus Cristo, para os teólogos da Reforma, engloba toda a esperança do homem: A salvação e a nova vida do cristão regenerado são assegurados por ele, só por ele: “A minha força nada faz – sozinho estou perdido. Um homem a vitória traz, por Deus foi escolhido. Quem trouxe esta luz? Foi Cristo Jesus, o eterno Senhor, outro não tem vigor; triunfará na luta”. – A teologia luterana é **crístocêntrica** – é “ciumenta” de Cristo – também frente a santos, a entidades e instituições que ameaçam tomar o seu lugar. Todas as demais balizas colocadas pelos escritos confessionais luteranos devem ser entidades a partir desta baliza central, colocada pelo próprio Deus – a cruz de Cristo. Solus Christus – só Cristo. Este Solus Christus se desdobra em três outros “sós”:

3. SOLA GRATIA – (só pela graça)

A salvação do homem não se efetua por iniciativa ou através de obras meritórias deste. É obra e mérito de Deus, o qual é movido exclusivamente por sua vontade soberana, por seu amor e por sua graça. Lutero conjuga no indicativo (no passado, no presente e no futuro) a frase fundamental do apóstolo Paulo de Rm 3.24: Somos justificados de presente (DOREAN) pela graça de

Deus. Esta justificação pela graça torna-se o centro de sua pregação. Ela não deixa margem para mérito humano.

4. SOLA FIDE (só pela fé)

O homem recebe a graça de Deus – o perdão de seu pecado e a nova vida em Cristo – através da fé. Esta fé não é nenhum mero processo mental (acreditar); é, antes de tudo, confiança, é entrega do coração a Deus. Sem fé, ninguém recebe nada de Deus. O homem, contudo, é incapaz de crer por si mesmo: "Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo nem vir a ele, mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, me iluminou com seus dons, me santificou e guardou na verdadeira a fé" – A única coisa que o homem pode fazer, frente à ação do Espírito Santo, é ser passivo, é aceitar, é não resistir. Em última análise, poder crer também é graça. Não há "cooperação" por parte do homem neste evento. Ele nada faz além de receber.

5. SOLA SCRIPTURA (só pela Escritura)

Para Lutero e os demais teólogos da Reforma, o Espírito Santo não age a não ser através da pregação do evangelho, que tem sua raiz na Bíblia. Lutero agarrou-se à Sagrada Escritura, tanto em sua luta contra a tradição cimentada que encontrou na igreja oficial de seu tempo, como também em sua luta contra os "entusiastas", que afirmavam não necessitar da "letra morta", por viver em ligação direta com o Espírito Santo que, no seu entender, dispensava qualquer mediação. Por outro lado, a Bíblia, para Lutero não representa uma planície sem acidentes, na qual não houvesse diferenças de nível: Sendo a palavra de Deus, ela tem por conteúdo central a revelação de Deus em seu Filho Jesus Cristo. Interessa "was Christum treibet" – o que tem por conteúdo e tema a Jesus Cristo. O lugar central da paisagem bíblica é Gólgota. Cristo é o Senhor da Bíblia – não vice-versa. A partir de Cristo, os conceitos bíblicos se alinham em sua importância para nós. Lutero, assim, admite e pratica uma crítica teológica do conteúdo da Bíblia, orientada em Cristo: "Ouvistes que foi dito aos antigos ... eu porém digo-vos" (Mt 5). A Escritura, para Lutero, tem duas faces: a face da lei e a face do evangelho. Pela lei, ela nos esmaga, abala nossa segurança carnal, acaba com nossa falsa justiça, é o "raio de Deus (der Donnerkeil) com que ele destrói tanto os pecadores manifestos como os falsos santos" (Artigos de Esmalcalda, III). Através do evangelho, ela nos convida, anuncia o perdão de nossos pecados, a graça e o amor de

Deus. O evangelho é a última e definitiva palavra de Deus, identificada com seu Filho Jesus Cristo, no qual a palavra se fez carne.

6. A nova obediência

O homem que chegou a crer, justificado, perdoado e regenerado por Cristo, vai sendo impelido pela própria fé a agir em obediência filial a Deus. “Aquela fé deve produzir bons frutos” (CA 6). Assim como o homem é totalmente passivo perante Deus, ao ser justificado e ao receber a própria fé, assim ele se torna ativo e zeloso, após ser reconciliado com Deus, ao qual desobedecera por inclinação, no tempo da descrença. Quaisquer “boas obras” que não tiverem suas raízes na fé, aos olhos de Deus não têm nenhum valor, por não serem plantas que ele plantou.

7. A Igreja

Para Lutero, a Igreja não é, em primeira linha, uma instituição, e menos, uma organização hierárquica. “Pois, graças a Deus, uma criança de sete anos sabe o que é igreja; a saber os santos crentes e os cordeirinhos que ouvem a voz de seu pastor”. (Artigos de Esmalcalda, 12). A igreja são os cristãos – igreja una, santa, perpétua – o corpo eterno de Cristo. Dentro da igreja organizada não há necessidade de uniformidade quanto a usos e costumes litúrgicos, quanto a formas de organização externa. Basta que o evangelho seja anunciado e que os sacramentos sejam administrados assim como Cristo o quer. A igreja vai sendo gerada continuamente onde a palavra vai sendo pregada. Ela é, assim, “criatura do evangelho”: “Assim como ele chama toda a cristandade na terra, a ilumina, santifica e conserva na verdadeira, única fé” (Catecismo Menor).

8. Palavra e sacramentos

Como a palavra de Deus é pregação viva, sendo que a própria Escritura clama por ser anunciada e atualizada, aqui e agora, como sendo palavra de Deus viva e atuante, assim também os sacramentos, o Batismo e a Ceia do Senhor, implicam a presença real do Senhor, que por elas renova e mantém a sua igreja. Não são meros atos simbólicos. No Batismo, o velho homem é efetivamente afogado (Catecismo Menor) – na Ceia, o Cristo presente nutre seus irmãos com seu corpo e seu sangue, dando-lhes participação plena em sua vida.

9. O ministério eclesiástico

Lutero enfatizou o **sacerdócio universal dos crentes**, chegando a dizer que é o **Batismo que em verdade ordena sacerdotes e bispos**. Ele jamais revogou suas teses "anticlericais", mas no decorrer dos anos chegou a distinguir com clareza as funções do cristão comum e as funções específicas dos ministros e pregadores públicos. Estes não derivam sua função só do sacerdócio geral de todos os crentes, já que o **apostolado da pregação foi instituído por Cristo**, como sendo um ministério especial, constitutivo da própria igreja. Mas a igreja tem participação na responsabilidade e nas tarefas deste ministério – ordenando e instituindo pastores, tendo até o direito de dispensá-los, quando sua pregação não condisser com o evangelho. No mais, os **ministros e pregadores são cristãos comuns**. Não fazem votos especiais, são livres para casar e para não casar. Bispos e pastores existem em função do evangelho e da igreja. Eles "não têm poder de estabelecer algo contra o evangelho" (CA 23).

10. Os santos

Todos os **cristãos, sendo membros do corpo de Cristo, são santos**. Os santos já falecidos merecem ser lembrados, suas palavras e seu exemplo merecem ser seguidos. "Entretanto não se pode provar pela Escritura que se devem invocar os santos ou procurar auxílio junto a eles – porquanto há um só reconciliador e mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo" (CA 21).

11. A missa

A Confissão de Augsburgo combate o dogma do "sacrifício da missa". Cristo foi sacrificado uma vez, em Gólgota. Seu sacrifício vai sendo anunciado na missa – mas o homem não tem o direito de apoderar-se deste evento salvífico, de manipular o sacrifício de seu Senhor, como se fosse ele, o homem, que o ofertasse a Deus. A eucaristia continua ocupando o lugar central na missa renovada, mas ela é destituída de seu caráter meritório (missa em favor de falecido) e no recebimento do pão e do vinho não distingue mais entre sacerdotes e leigos (vinho também para os participantes leigos).

12. O evangelho e o poder público

"Não se deve baralhar e confundir o poder espiritual e o temporal. O poder espiritual tem a ordem de pregar o evangelho e de

administrar os sacramentos. Também não deve invadir ofício alheio. Não deve entronizar ou destronar reis, não deve minar as leis civis e a obediência ao governo" (CA 28). – "Dessa maneira, os nossos distinguem os ofícios de ambas as autoridades e poderes e mandam que os dois sejam tidos em honra como os dons mais elevados de Deus na terra" (CA 28). Lutero fala dos "dois reinos" – um, que se governa pela lei e pela espada (o reino à esquerda de Deus) e outro, que se governa pelo evangelho (o reino à direita de Deus). Importa acentuar que Lutero afirma que em ambos os reinos Deus está atuando e que o evangelho também visa os que mantêm o poder temporal. O pregador cristão "interfere" no reino temporal, pregando – inquietando as consciências das autoridades com a lei de Deus e ofertando-lhes o consolo do evangelho.

III CONCLUSÕES

1. Os luteranos, antes de tudo, são chamados a reexaminarem sua própria posição, seu próprio balizamento teológico em meio às correntes espirituais e teológicas do País. Deverão lembrar que a Reforma não é nenhum evento estático, mas que tanto o cristão como a igreja se acham em constante reforma, sendo o próprio evangelho o agente reformador. A teologia luterana trata da justificação do pecador pela graça de Deus – seu assunto não é a autojustificação no nível das confissões e denominações cristãs – ou mesmo, no nível de quaisquer ideologias. Lembramos a primeira das 95 teses de Lutero: "Quando nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo diz: Arrependei-vos, quer que toda a vida dos crentes seja arrependimento".

2. Diálogo com a Igreja Católica Romana.

Este diálogo, que nunca silenciou por completo (embora por longo tempo tenha degenerado em polêmica e defesas estereis de posições dogmáticas), merece ser retomado, nas condições prevalentes em nosso tempo. Cumpre levar em consideração a reforma encetada pelo Concílio Vaticano II – o uso generalizado do vernáculo na missa, a fundamentação bíblica da pregação, a abertura para o diálogo com outras igrejas cristãs, o posicionamento social da igreja. – A igreja luterana no Brasil, embutida na mesma realidade espiritual e social, sem espírito polêmico, e sem intenções proselitistas, procurará encorajar e incentivar a reforma iniciada na

igreja católica, colocando o acento no evangelho de Cristo, único fermento capaz de efetuar uma reforma autêntica.

3. Diálogo com as outras igrejas evangélicas

No âmbito do protestantismo brasileiro, a teologia luterana, a nosso ver, terá dois compromissos específicos: a) apontar para o igreja una e indivisível – combatendo o sectarismo em seu próprio meio e em seu ambiente protestante. Apontando para o verdadeiro centro de gravidade da igreja, ajudará a superar excentricidades protestantes. b) apontar para o centro da Sagrada Escritura, ajudando aos irmãos a superarem um “biblicismo” que vê a Escritura Sagrada como sendo uma coleção de oráculos divinos – uma planície sem saliências, o que resulta em legalismo e em obscuridade da graça de Deus.

4. A religiosidade popular brasileira

Pensamos nas massas que vivem à margem da Igreja Católica Romana e de sua doutrina, tomados por verdadeira mentalidade mágica – tanto os que formalmente continuam sendo membros da igreja, como aqueles que aderiram ao sincretismo umbandista ou correntes semelhantes. Se a pregação luterana não quiser perder sua relevância, não poderá ignorar esta inquietante realidade (20–25 milhões de brasileiros frequentam terreiros e tendas do “baixo espiritismo”). No mundo dos santos milagreiros, do padre Cícero, do “menino da tábuá”, da menina milagrosa de Catanduva(SC), cumprirá testemunhar que a “cura” de Cristo engloba a salvação total, e que os seus santos são os cristãos comuns que traduzem a salvação de Cristo no troco miúdo do testemunho fraternal, na convivência humana com as pessoas de raízes sociais e étnicas tão distintas. Aqui, a nosso ver, se abre um campo missionário que tende a crescer cada dia.

5. Espiritismo

Frente ao Kardecismo e à doutrina reincarnacionista, a teologia luterana tratará, antes de tudo, de desmascarar a pretensa capacidade do homem de “subir a escala evolutiva”, salvando-se a si mesmo, através de um sem número de reencarnações sucessivas. Deixar claro que Jesus Cristo não é nenhum médium de hierarquia superior, mas que é Deus que se fez homem – que o Espírito Santo é Deus, não uma manifestação de espíritos de criaturas desencarnadas. Desmascarando o velho Adão, sempre pronto a acumular

méritos para poder dispensar a graça de Deus, anunciará o perdão dos pecados por graça – numa linguagem de sobriedade e de amor que não tem suas raízes na transe hipnótica, mas na comunhão com Cristo.

6. O mentalismo

Pensamos em movimentos como o Seicho-no-lê, a meditação Transcendental e outras correntes filosóficas e religiosas orientais, que têm afinidade com o budismo. Assim como os kardecistas e os umbandistas olham para os espíritos, estando “fora de si”, na transe hipnótica e extática, os mentalistas olham para dentro de si mesmo, à procura de iluminação. – Ao cristão luterano cumpre assinalar que o homem, bem no fundo de si mesmo, nada encontrará a não ser o homem perdido e condenado, e que a salvação se encontra fora de nós – que ela provém de Deus, não de nós mesmos.

7. Entusiasmo religioso e político

A teologia luterana tem fama de ser sóbria, desde suas próprias raízes. Ela rejeita o vinho doce do êxtase; como Pedro fez no primeiro Pentecostes, fala de pecado, de cruz e de arrependimento – assuntos que um ébrio espiritual jamais tocará. Ela deverá falar e testemunhar, imbuída desta sobriedade frente a movimentos de “cura divina” e de outras manifestações de entusiasmo religioso que acobertam a podridão do velho homem, sem a expor à luz.

O que vale no campo religioso, valerá também no campo profano. O cristão luterano enfrentará com sobriedade e com a lucidez que é fruto do próprio evangelho – tanto uma ideologia “de direita” que faz o homem agarrar-se a posses materiais e a posições de poder, como uma ideologia “de esquerda”, que pretende criar um paraíso na terra, sonhando com um mundo justo, sem apontar a podridão básica do homem e da sociedade, e sem falar de juízo e salvação transcendentais. “baralhando” as coisas do reino de Deus com as do mundo. Rejeitará qualquer tipo de polarização entre cristãos “piedosos” e cristãos “socialmente engajados”, pois não ignora que os frutos da vivência cristã não devem ser cortados de suas raízes e que a ação social responsável faz parte da nova obediência do cristão.